

INFLAÇÃO NO PÃO DO REAL

Philio Terzakis
Da equipe do **Correio**

Paulo de Araújo

Cafezinho e pão com manteiga. Nos próximos dias, esse café da manhã frugal ficará pelo menos cinco centavos mais caro em uma padaria nos arredores de Brasília. De R\$ 0,55 para R\$ 0,60. Culpa do pão francês — ou de sal — que carrega farinha importada em sua massa e, por isso, custará mais depois da desvalorização do real.

Aparentemente insignificante, o aumento ganha peso de símbolo da atual crise econômica. Afinal, por duas vezes, a Panificadora e Confeitaria Peres foi eleita pelo presidente Fernando Henrique Cardoso como um exemplo da estabilização econômica. Na primeira, em 1995, o pãozinho de 50 gramas custava R\$ 0,9. Três anos depois, aumentara apenas um centavo.

Nas duas ocasiões, Fernando Henrique fez questão de comemorar o aniversário do real no lugar, tomando café e comendo pão com manteiga. Agora, o dono da padaria, Arnaldo da Silva Peres, 28 anos, acredita que o presidente não apareça por lá tão cedo. A panificadora, no Setor Leste do Gama, a 30km do Plano Piloto, deverá ser uma das primeiras a reajustar o preço do pão de sal no Distrito Federal.

“Não tem jeito. A farinha de trigo ficou mais cara para mim”, justifica-se Arnaldo. O saco com 25 quilos do produto passou de R\$ 14,90 para R\$ 16,39 — um aumento de 10%. Segundo informações da Comercial Carneiro, fornecedora do estabelecimento, o reajuste aconteceu em decorrência da desvalorização do real. Como o trigo é importado da Argentina e comercializado em dólar, o aumento foi imediato. Entretanto, ele promete deixar a maior parte dos produtos de sua loja — uma mistura de padaria, lanchonete e mercearia — com o mesmo preço.

Hoje, Arnaldo pretende comprar 60 sacos de farinha e sabe que a mercadoria virá com preço novo. Ele acredita que, em questão de dias, o pãozinho de 50 gramas passará a custar no mínimo R\$ 0,12 — um aumento de 20%, ou duas vezes a inflação prevista para 1999. Não se surpreende com a crise. “O governo estava segurando a barra há muito tempo. O presidente conseguiu se reeleger e parece que a bomba estourou.”

Carioca de Volta Redonda (RJ), Arnaldo perdeu o emprego quando



Arnaldo, dono da Panificadora Peres, mostra os pães fabricados com trigo importado: “O presidente se reelegeu e parece que a bomba estourou”

a Companhia Siderúrgica Nacional foi privatizada. De operador de máquinas resolveu virar dono de padaria, em 1994. Pegou o dinheiro da indenização trabalhista e da venda do carro e veio para Brasília.

Trabalha mais, ganha mais. Se estivesse no mesmo emprego, acredita que teria um salário de R\$ 700, trabalhando das 6h às 17h30, com uma hora de intervalo. Em Brasília, progrediu e, no mês passado, até conseguiu alugar um imóvel maior para seu negócio, pagando R\$ 100 a mais de aluguel. “Cresci no ramo porque trabalho demais, e não por causa da economia”, acredita.

Ele conta que, acorda todos os dias às 5h para abrir a porta para o

padeiro e só fecha às 22h, depois da saída do último freguês. Comanda uma equipe de oito funcionários e mora em um pequeno apartamento perto do trabalho. Sem carro próprio, costuma ir a pé até o serviço.

RECLAMAÇÕES

Mesmo tendo ampliado o negócio durante o Plano Real, o ex-operador de máquinas não deixa de reclamar da economia brasileira. “A cada ano que passa, o povo compra menos. Até pão deixaram de levar. Quem comprava dez pãezinhos, só está levando sete”, conta. E lembra que, no primeiro ano do real, era diferente. “O pessoal comprava bem, ainda não tinha noção da moeda. Dizia: ‘Me dá

um real de balinhas’. Agora, diz: ‘Me dá dez centavos de balinhas’.”

Mesmo assim, Arnaldo garante que ainda confia no plano. “Não acredito que o Real tenha acabado. Eles (o governo) agora vão ter que ter pulso forte para estabilizar tudo de novo”, diz.

Apesar da confiança do carioca, Fernando Henrique levou um pito quando apareceu por lá no ano passado. Na época, o pequeno empresário não conseguiu se conter e resolveu tirar a limpo algumas questões com o presidente, que teria ajudado a eleger se estivesse no Rio de Janeiro, na época das eleições.

“Alguém tinha que falar alguma coisa”, diz. Arnaldo falou. Reclamou

do desemprego e da perda de clientes. Ainda pediu a Fernando Henrique que triplicasse o valor do salário mínimo. “Aí, ele veio com aquela conversa, né?”, lembra. “Aquele conversa” foi a tentativa do presidente de responder às questões do empresário. Fernando Henrique falou sobre crise asiática, alta de juros e sua impossibilidade de aumentar o salário mínimo por decreto.

Pelo visto, a explicação não convenceu. Se fosse hoje, Arnaldo diz que só não interpelaria novamente o presidente por puro constrangimento. “Acho que ficaria calado. Já pensou? Fica chato falar a mesma coisa para o presidente, né? Ele poderia ficar com raiva.”